

Raparigas pedem criminalização de casamentos prematuros

JOCAS ACHAR

A CRIMINALIZAÇÃO de casamentos prematuros e a retenção da rapariga na escola são dois importantes desafios ao Governo e à sociedade no nosso país.



Alguns pais "empurram" as meninas aos casamentos

Algumas raparigas entrevistadas pela nossa Reportagem no final da III Conferência Nacional da Rapariga, que decorreu recentemente em Quelimane, na Zambézia, afirmaram que, enquanto não forem adoptadas medidas punitivas severas e sensibilização aos pais, nunca haverá progressos na eliminação dos casamentos prematuros e abuso sexual da rapariga.

Glória Machel disse à nossa Reportagem que a proposta de lei sobre a criminalização de casamentos prematuros deve ser preparada com urgência e

ser submetida à Assembleia da República para discussão e aprovação. Na sua opinião, a tal proposta não deve penalizar apenas o adulto que se casa com uma menor, mas também os pais, apontados como os que propiciam ambientes para tais práticas.

Por seu turno, Quizalia Chabane disse não entender as razões de não se avançar para a criminalização dos promotores dos casamentos prematuros e abuso sexual da rapariga. Explicou que, muitas vezes, a rapariga não quer casar-se antes de chegar à idade certa, mas os

pais não respeitam os seus direitos. Para a nossa entrevistada, a conferência foi uma grande oportunidade para partilhar experiências, facto que a levou a sair mais fortalecida, podendo levar as lições aprendidas para a sua comunidade, região costeira de Pebane.

Para Rabuna Abacar, a eliminação dos casamentos prematuros representa um grande desafio pelo facto de a sexualidade em muitas regiões do país ser encarada como valor sagrado para a rapariga e família. Por exemplo, explicou que na sua comunidade, em Nacala, os pais

apressam-se a organizar o casamento das suas filhas com receio de que elas percam a virgindade antes do matrimónio. Segundo ela, é que, se tal acontecer, a rapariga e a família perdem a honra perante o rapaz e a comunidade.

Ela explicou que a mudança desta forma de pensamento passa pela sensibilização dos pais e encarregados de educação.

Sobre as razões de as raparigas não concluírem o nível médio de ensino, as nossas entrevistadas disseram que isso tem a ver com o facto de as escolas ficarem longe das comunidades. Outro constrangimento mencionado

relaciona-se com a vulnerabilidade da rapariga ao assédio sexual perpetrado quer por colegas quer por professores. Estes últimos, segundo disse Quizalia Chabane, pensam que as raparigas são instrumentos que lhes pertencem para satisfazer os seus apetites sexuais, pelo simples facto de serem docentes.

Aliás, estes factos foram referidos durante a conferência pela activista social Graça Machel, ao afirmar que há adultos que dominam as raparigas para abusar delas sexualmente. Explicou ainda que os adultos devem começar a pensar que a rapariga tem dignidade e direito ao seu corpo.

Para Johane Muabsa, do Ministério da Juventude e Desportos, a criminalização do casamento prematuro passa pelo fortalecimento do quadro legal sobre a protecção da criança, bem como da Lei da Família, para adequá-los ao actual contexto. Falando no encerramento da Conferência Nacional da Rapariga, Johane Muabsa entende que há toda a necessidade de reforçar os mecanismos de denúncia dos abusos que a rapariga enfrenta, quer no contexto escolar quer na comunidade.

Para Graça Machel, o quadro de casamentos prematuros no país é bastante preocupante, havendo necessidade urgente e inadiável de o Governo e a sociedade encontrarem medidas enérgicas que contrariem essa tendência. A activista social afirmou que os dados indicam que, em cada 100 raparigas, 48 estão envolvidas em casamentos prematuros.

Para ela, há uma contradição entre a lei e a prática social. Enquanto o ordenamento jurídico diz que uma rapariga só é adulta

quando tiver 18 anos, há famílias que promovem casamentos das suas filhas antes dessa idade. "É um problema social, por isso há

necessidade de a família mudar de mentalidade porque são os pais que decidem sobre os casamentos das filhas", disse.



É preciso proteger a rapariga dos casamentos prematuros

Denúncias de dupla violação

DURANTE a conferência de Quelimane, as raparigas denunciaram aquilo que consideram de dupla violação e vitimização por parte da imprensa e do sector da Educação. Segundo explicaram, quando se trata de um caso de violação sexual do menor por parte de um adulto, a imagem da rapariga é muito exposta, quer na televisão quer na imprensa escrita, através da fotografia, mas o rosto do violador é protegido.

De acordo com Glória Machel, aluna da Escola Secundária Noroeste II, em Maputo, as notícias sobre a violação e abuso sexual da rapariga expõem muito a rapariga, que é vítima, e protegem os violadores, que são os criminosos. "A rapariga

depois a *mídia* expõe a sua imagem, e isso é uma dupla violação", disse, para depois pedir aos profissionais de comunicação social para serem mais prudentes no tratamento de matérias relacionadas com a violação e abuso da rapariga.

Intervindo no painel sobre "Saúde sexual e reprodutiva de jovens adolescentes", ela disse que o mesmo acontece no sector da Educação. Quando uma rapariga engravidada do seu colega, transferem-na para o curso nocturno, mas o rapaz continua a estudar normalmente, de dia. Neste caso, segundo disse a jovem, a rapariga terá de aguentar todo o peso e responsabilidade da gravidez, enquanto o rapaz vive sem

panheira e do filho que há-de nascer. Dados em nosso poder indicam que 35 por cento das raparigas são vítimas de abusos sexuais nas escolas.

Entretanto, Célia Claudina, da Rede de Comunicadores Amigos da Criança, afirmou na ocasião que há uma tendência de reduzir a vitimização da rapariga nos *mídia*. Segundo Claudina, os membros da rede têm sido formados em questões de ética e ferramentas jornalísticas para fazerem abordagens respeitando o bom nome das vítimas e reputação social da rapariga e família. Todavia, afirmou ainda que há desafios porquanto ainda existem comunicadores que pontam pelo

Defesa da honra estimula

Glória Machel disse à nossa reportagem que a proposta de lei sobre a criminalização de casamentos prematuros deve ser preparada com urgência e

dos casamentos prematuros e abuso sexual da rapariga. Explicou que, muitas vezes, a rapariga não quer casar-se antes de chegar à idade certa, mas os

casamentos prematuros e abuso sexual da rapariga. Explicou que, muitas vezes, a rapariga não quer casar-se antes de chegar à idade certa, mas os

de ensino, as nossas entrevistadas disseram que isso tem a ver com o facto de as escolas ficarem longe das comunidades. Outro constrangimento mencionado

afirmou que os dados indicam que, em cada 100 raparigas, 48 estão envolvidas em casamentos prematuros.

através da fotografia, mas o rosto do violador é protegido.

De acordo com Glória Machel, aluna da Escola Secundária Noroeste II, em Maputo, as notícias sobre a violação e abuso sexual da rapariga expõem muito a rapariga, que é vítima, e protegem os violadores, que são os criminosos. "A rapariga, primeiro, é violada sexualmente,

mo acontece no sector da Educação. Quando uma rapariga engravidada do seu colega, transferem-na para o curso nocturno, mas o rapaz continua a estudar normalmente, de dia. Neste caso, segundo disse a jovem, a rapariga terá de aguentar todo o peso e responsabilidade da gravidez, enquanto o rapaz vive sem obrigações para cuidar da sua com-

Segundo Claudina, os membros da rede têm sido formados em questões de ética e ferramentas jornalísticas para fazerem abordagens respeitando o bom nome das vítimas e reputação social da rapariga e família. Todavia, afirmou ainda que há desafios porquanto ainda existem comunicadores que pautam pelo sensacionalismo.

Defesa da honra estimula



Rabuna Abacar, que saiu de casamento prematuro

CASOU-SE aos 15 anos de idade com um homem adulto. Os seus pais tinham receio de que perdesse a virgindade antes do casamento. Não queria, mas acabou por ceder à pressão dos seus pais, numa altura em que frequentava a 10.ª classe e sonhava ser médica. O homem a quem foi "entregue" era de nacionalidade tanzaniana e sem recursos para sobrevivência. O seu pai tinha de arcar com despesas diárias de casa. Esta é a triste história de Rabuna Abacar, 19 anos de idade, natural de Nacala, província de Nampula. Esteve na Conferência Nacional da Rapariga em Quelimane para apresentar o seu testemunho. Os casos eram muitos e não foi possível permitir que todas relatassem as suas experiências.

Rabuna contou à nossa reportagem que, depois do casamento, um ano depois foi viver na Tanzânia com o seu esposo. Ele maltratava-a quase todos os dias e a impedia de se comunicar com seus pais em Nacala, por telefone. O marido é que

ligava e dizia que estava tudo bem.

Como resultado do sofrimento, a jovem decidiu regressar à casa, mas o marido nunca permitiu, até que fugiu. Uma vez em Nacala, percebeu que perdeu muito tempo porque suas amigas e colegas já tinham terminado o nível médio de escolaridade e estavam a trabalhar. "Cheguei à conclusão de que perdi muito tempo; não tinha como e este ano voltei a estudar e estou a terminar a 10.ª classe", explicou, acrescentando que paralelamente está a fazer um curso de canalização de curta duração, para poder financiar os seus estudos, se conseguir trabalho. "O meu sonho de médica prevalece", afirmou.

Soubemos que actualmente Rabuna é activista contra casamentos prematuros e trabalha com 30 raparigas que resgatou deste tipo de matrimónio na sua comunidade, embora esteja a sofrer muita pressão e ameaças dos maridos das raparigas. Aliás, ela diz que "já fui parar numa esquadra, mas não desarmo".

Chantageada pelo professor

QUIZALIA Chabane é natural de Pebane, na província da Zambézia. Este ano está a repetir a 12.ª classe na Escola Secundária local. Um professor assediou-a sexualmente, mas não cedeu, facto que lhe custou a reprovação na disciplina. Disse que conhece colegas que já sofreram abuso sexual de professores. Para ela, o que mais a entristece é não se tomarem medidas depois das denúncias.

Sobre os casamentos prematuros, Quizalia Chabane diz que

há muitos em Pebane e os pais usam as filhas como moeda de troca. Explicou que muitas vezes são casamentos mal sucedidos, mas algumas raparigas nunca pensam em voltar à escola para estudar. De acordo com as suas palavras, os casamentos aumentam a pobreza porque nem os pais das crianças desses casamentos nem os avós têm capacidade para alimentar os filhos ou netos.

Actualmente, ela é activista na COALISÃO. Conta com um grupo de trinta raparigas.



Quizalia Chabane recusou envolver-se sexualmente com o seu professor

Parceiros prometem mais apoio

AS embaixadas da Suécia e do Canadá, bem como o Fundo das Nações Unidas para a População (FNUAP), estão sensibilizados sobre os casamentos prematuros e assédio sexual das raparigas e comprometeram-se a prestar apoios multiformes para que a luta seja vencida. A embaixada do Canadá, por exemplo, comprometeu-se a financiar actividades sobre os direitos de saúde reprodutiva e sexual da rapariga, reformas na Lei da Família e outros programas virados à promoção da mulher.

Alguns destes programas têm início este ano e os outros em 2018. Neste momento, a Embaixada do Canadá está a mobilizar recursos juntos dos seus parceiros para



Raparigas pedem mais diálogo entre pais e filhas

concretizar esse desafio.

Mikel Elofsson, encarregado de Negócios na Embaixada da Suécia, afirmou que há necessidade de empoderamento da rapariga. A

fonte disse que estão disponíveis 115 milhões de francos suíços não só para este programa de empoderamento, mas também para outras actividades.

VIDA SAUDÁVEL

Depressão materna

A DEPRESSÃO materna é o estado prolongado de mal-estar sócio-emocional da mulher. Deprimida, ela pode estar triste ou chorona, ter falta de sono ou apetite, energia e pouco interesse nas actividades do dia-a-dia. Os sinais manifestam-se ainda por pensamentos negativos (morte, por exemplo), ignorar os sinais da criança e zangar-se facilmente com menores de idade.

Este problema de saúde não é raro. Um estudo realizado na cidade de Maputo indica que cerca de 17 por cento de mães apresentaram sinais de depressão materna pós-parto. Na África Austral, estima-se que uma em cada três mães seropositivas mostra sinais de depressão após o parto. Também se atribuem à depressão materna 29 por cento dos casos de baixo peso nas crianças.

Factores determinantes

Muitas razões podem tornar a mulher deprimida, contudo as mais comuns são a gravidez indesejada (na adolescência por exemplo), estado serológico da mãe positivo para o HIV e

abandono pelo parceiro ou violência doméstica. A insegurança alimentar e pobreza, bem como o evento traumático como resultado, por exemplo, do abuso sexual ou estupro, são outras causas do problema.

Efeitos e preocupação

Estudos mostram que crianças de mães com depressão podem nascer prematuras ou com baixo peso, ter fraca higiene e saúde, assim como sofrer de desnutrição. Constatam ainda atrasos no desenvolvimento cognitivo e da linguagem, bem como ter problemas de comportamento. A depressão na gravidez pode levar a mulher a não seguir os cuidados pré-natais essenciais para ela e a criança.

Quando aliviar

A melhor altura para aliviar a depressão materna é na consulta pré-natal e na maternidade ou consulta pós-parto. Em caso de sinais, aconselha-se a encaminhar a mulher para os serviços de saúde mental.

Fonte: Ministério da Saúde